



# Sonetos

de

CANDIDO GUERREIRO

AMADEU BARRETO  
EDITOR

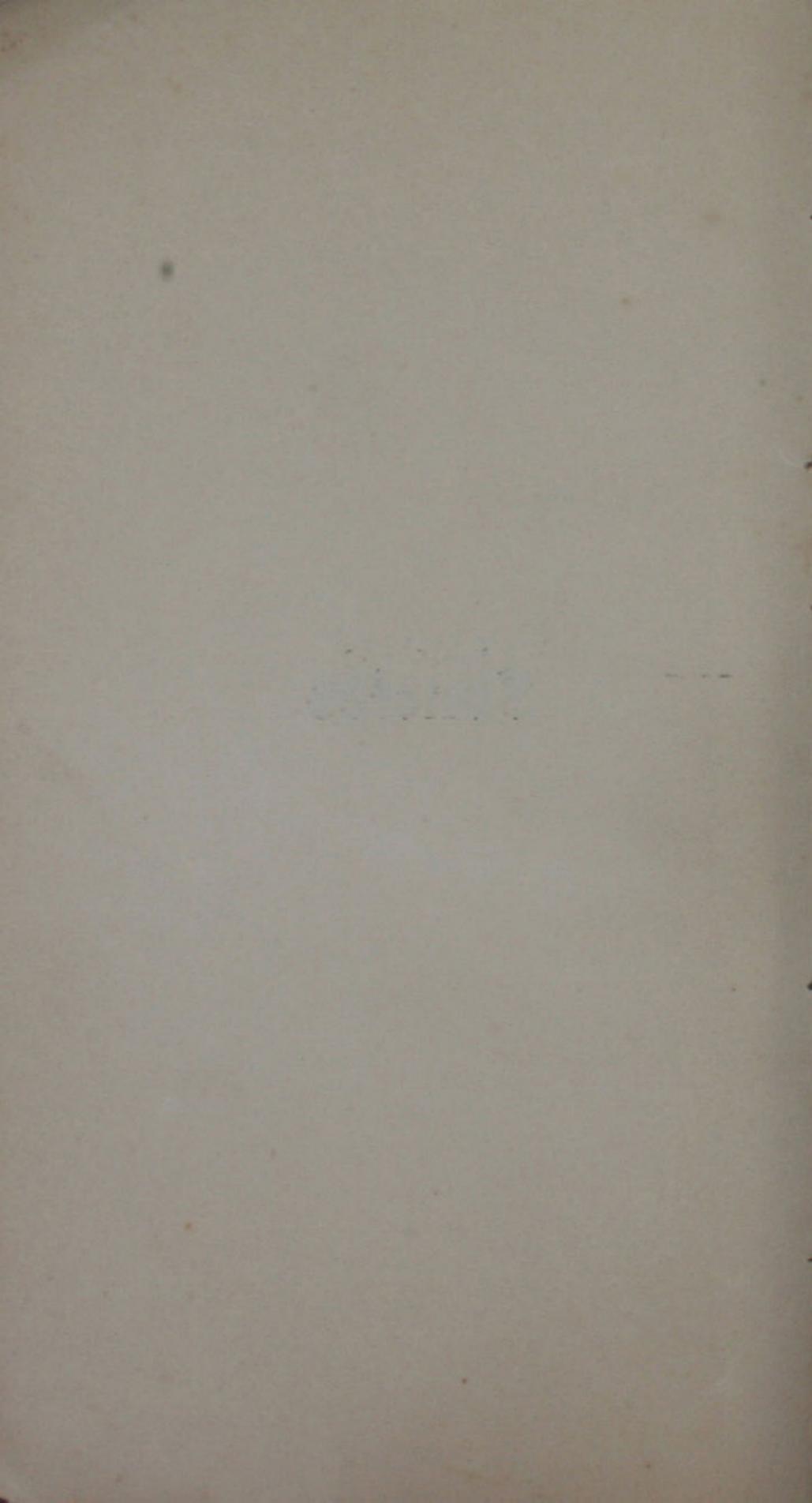
Coimbra  
1904

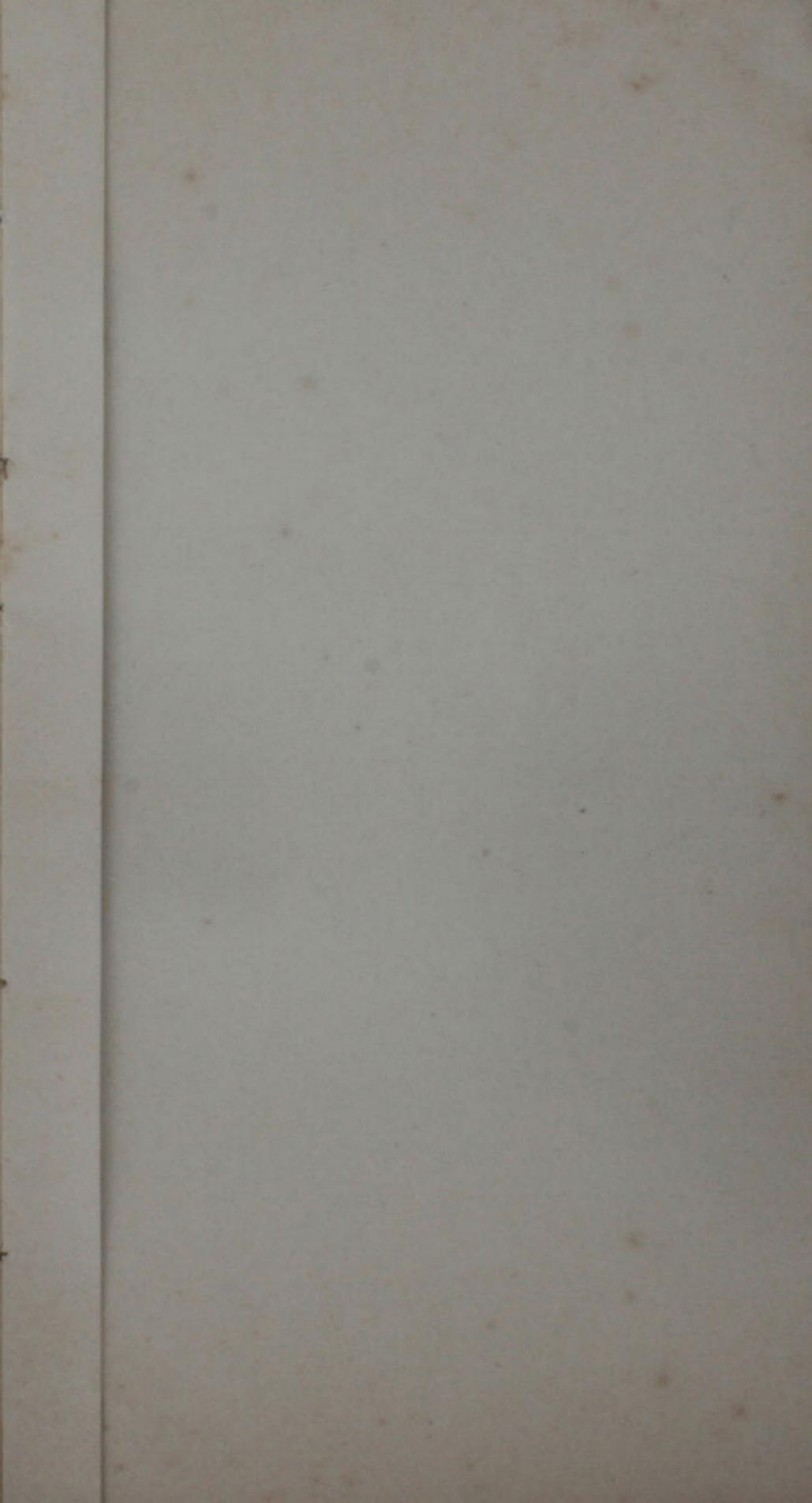


Fernando Perini



# Sonetos









DO AUCTOR :

*Rosas desfolhadas* (1896). Ed. esg.

*Petalas* (1897), um folhêto. Ed. esg.

*Ave-Maria* (1900). Ed. de 100 exemplares numerados,  
fóra do mercado.



# Sonetos

de

CANDIDO GUERREIRO

AMADEU BARRETTO,  
EDITOR

Coimbra  
1904





Nas prisões cellulares da Materia,  
A's quaes está de sentinella a Vida,  
Jaz a minh'alma, ardente aguia vencida,  
Feita captiva, a imperatriz aerea...

Uma noite, fugindo a tal miseria  
(Porque estivesse a guarda adormecida  
Pelo sonho, a narcotica bebida),  
Voou, liberta, na amplidão etherea.

E arremessou-se em busca, pelo Além,  
Da Verdade immutavel e do Bem.  
Nada achando, bradou por Deus... Em vão!

— Na eterna inconsciencia do Infinito  
Deus dormia... Voltou, e desde então  
Tême sahir do carcere maldito...

Ao sopro do mysterio, o' estranho vento,  
Navega no Mar-Negro do Infinito  
Um navio phantastico e maldito,  
Meu impio e audacioso pensamento...

Demanda a todo o panno o nevoento  
E remoto archipelago do Mytho,  
Onde está preso o velho rei proscripto,  
O velho Deus despotico e sangrento...

— Nas alturas da Occânia-das-Estrellas,  
Marinhagem dos Sonhos! largae velas!  
...Mas tanta Ilha-d'Oiro inhabitada!

— Senhor Deus dos Exercitos, da Guerra,  
Onde estás? — O gageiro brada «Terra!»,  
E o meu navio aprôa o eterno Nada...

Pelo claustro de aboboda infinita  
— Da cathedral de Deus exigua nave, —  
Silenciosa, macerada e grave,  
Caminha a Noite, a triste carmelita...

Sobre o negro burel — como bemdita  
Extrema-uncção de luz, branca e suave,  
Que as gangrenas de treva adoce e lave —  
O escapulario de luar palpita...

D'onde vens, immortal Religiosa?  
Vens, oh pallida Freira sempre triste,  
D'esse convento amuralhado e forte,

D'esse mosteiro secular que existe  
Numa ilha encantada e mysteriosa  
Do Oceano Pacifico da Morte?

Oh montanha, oh montanha escura e brava!  
Estrophe de vulcanico poêma,  
Gesto petrificado da suprema  
E primitiva dôr da Terra escrava!

Castigou-te o Senhor, bôcca blasphêma!  
Por ti foi que ella outr'ora vomitava  
Pragas de fôgo, anathemas de lava:  
Feriu-te a maldição; és uma algêma...

Oh colossal, silencioso grito  
Da ira inenarravel do granito!  
Pesas menos, annel d'esta cadeia

Que, o mundo, atraz do Sol, no dorso leva  
Do que a montanha trágica de treva  
Que, em pós de Deus, arrasta a minha Ideia...

Existir! Para quê? Tumulo ou berço,  
Almas, gangrenas, soes, o pensamento  
E' tudo o turbilhão, o movimento,  
O immortal Ashavero do universo...

A elle a Inconsciencia (Deus immerso  
Nos abysmos da inercia e esquecimento)  
Bradou: — «Caminha! Sê!» — A tal momento  
Chamou-se eternidade; e eis que, disperso,

Houve então entre os polos do infinito,  
Espaço e tempo, o lamentoso grito  
Do Ser que repousava no Não-Ser...

Por isso, a Vida, a filha da Existencia,  
Chora e maldiz a sua propria essencia:  
— Jámais parar, jámais adormecer...

Meus pobres versos! . . . Eis o que transuda  
Da dôr occulta da minh'alma inquieta,  
Que chora trespassada pela setta  
D'esta interrogação: — Jesus ou Budha? —

A morte, a fera monstruosa e muda,  
A grande sombra esphyngica projecta  
Sobre o caminho; e em vão, além da meta,  
Tu procuras, minh'alma, quem te accuda. . .

Vae indo, pois, oh cega, oh desgraçada, . . .  
Como aquelles que vão, em erma estrada,  
Cantando para disfarçar o medo.

Só um echo responde ao teu clamor: . . .  
E' a voz genesiaca do Amor . . .  
Pairando acima do immortal Segredo. . .

Tão moço como vós, que ides vogando  
Pelo rio do Tempo, na galera,  
Nesse lindo navio do commando  
Da radiante e musical Chimera;

Amigos, como vós, também quizera  
Sob a luz das estrellas ir cantando,  
Emquanto o rio, a muda e voraz fera,  
Como fera nos vae arrebatando...

Os meus olhos, porém, numa vertigem,  
Cahiram, e affogados na torrente,  
São dois ceguinhos... Todos, pois, se affligem,

Os tristes, perguntando a toda a gente  
Se ella irá desaguar exactamente  
No mar de treva onde bebeu a origem...

— Dorme o inerte infinito em meu regaço  
O somno immemorial da eternidade;  
Sou o Ignoto, e, impassível divindade,  
O irmão gêmeo do Tempo. Sou o Espaço.

Emquanto dentro em mim os soes, no laço  
Que os prende á mentirosa realidade,  
Sonham um sonho lindo, a claridade,  
Limito o indefinido em meu abraço.

Mas, despido de toda a contingencia,  
Homens, escravos, filhos da Existencia,  
Buscaes debalde, oh Formas relativas,

A minha essencia conhecer ao certo:  
— O Absoluto, o Não-Ser, o Ser liberto  
Não podem devassal-o almas captivas...

Oh meus irmãos, oh descendentes de Eva,  
Erga-se de entre vós alguém que sonde  
O oceano do Além, que nos esconde  
A vida, já de si um mar de treva...

Perdi-me, e na vereda que me leva  
— Para Deus? para o Nada? para onde? —  
Nem mesmo um echo á minha voz responde,  
E, implacavel, o céu como que neva...

Que gelidez! — E, horror! quando procuro  
Conhecer o sinistro mascarado  
Que do silencio eterno e eterno escuro

Avança para mim, o Ignora lo,  
O esphyngico Mysterio do Futuro,  
Tropço no cadaver do Passado...

Nas solidões do primitivo mundo  
Um formidavel, tragico lamento  
Domina a voz do mar e a voz do vento  
E faz estremecer o ceo profundo...

E' a voz de Cain, o vagabundo,  
O fatricida biblico e sangrento...  
Ameaça Jehovah, e, num accento  
De prophesia, brada-lhe, iracundo:

— Injustiça de Deus! Matei Abel...  
Porque o fizeste fraco, e a mim cruel?  
A culpa vem de ti, não vem de mim...

Senhor, que és reo de eterna imperfeição,  
Será escrava a sua geração  
Da poderosa raça de Cain...

Minha origem qual é e a minha essencia?  
Serei o proprio Deus a quem procuro?  
Onde te escondes, Deus? Eu te conjuro  
A que appareças! — disse a Consciencia.

Deposto Jehovah sombrio e duro  
Do seu throno de nevoa e inconsistencia,  
Em seu logar, o Deus-Inconsciencia,  
Naquella evocação, surgiu do escuro...

Tornou a Consciencia: — Sem piedade  
E sem coleras, mudo sempre e quedo,  
Pela tua absoluta realidade,

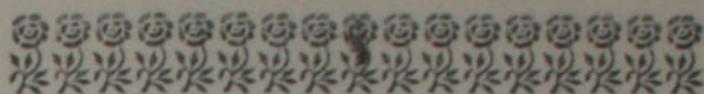
Ninguem te pode amar, nem causas medo...  
Antes o velho Deus, o Deus-Segredo,  
Um Deus que não o seja, — o Deus-Vontade...

Torcidas por angustias seculares,  
As angustias da vida — a Dôr suprema —  
As oliveiras são como um poema  
De eternos, pantheísticos pesares. . .

Treva assassina apunhalando os ares,  
Gritos da escuridão, em raiva extrema,  
Cada cypreste como que blasphema  
Contra as piedosas bênçãos estellares. . .

A tragedia da Noite vae em meio.  
E' a hora solemne do mysterio. . .  
E, no entanto, tranquillo, sem receio,

Reso junto ao portal do cemiterio  
Por Alma de meu Pae. E, grande, o Amor  
Bate as legiões sagradas do Pavor. . .



I

Intrepido guerreiro, erguida a lança,  
Onde a gloria floreja resplendente,  
O Homem, numa galopada ardente,  
Pela estrada dos seculos avança...

No seu nobre ginete, que não cança,  
Vae subindo, subindo heroicamente...  
Da Torre-do-Portvir, altivamente,  
Acena-lhe a bandeira da esperanza...

Mas, ás vezes, estranha ventania  
Alevanta-lhe o pó-philosophia,  
Que numa nuvem cerra o cavalleiro...

Então hesita... O Caucaso da Historia  
Tem no cimo o Castello da Victoria,  
Ou Prometheu, o eterno prisioneiro?

## II

Então hesita, sem saber que faça,  
Porque a nuvem de pó-philosophia,  
Essa subtil poeira que o asphixia,  
Esconde toda a luz por onde passa...

Maldita seja, pois, a ventania,  
O moinho do Ar, de que a Desgraça  
Recolhe o pó de treva com que amassa  
O amargo pão da duvida sombria...

Maldita seja, pois; porque demora  
A marcha triumphal que o Homem leva...  
— Clarins de sol, oh canticos de aurora,

( Rasgae, espadas epicas de luz,  
O farrapo theologico de treva  
Que inda amortalha o corpo de Jesus!



Na sua lingua sobrenatural  
E numa voz ameaçadora e forte,  
Ministro de Ahriman, o vento norte  
Anda a prégar a religião do Mal...

Ao longe, o Mar responde ao vendaval,  
Rezando psalmos em louvor da Morte...  
(— Naufragos tristes! desgraçada sorte!  
Como o responso é barbaro e fatal!...)

E a apunhalar-me o ouvido o som da chuva,  
Sonho um leito phantastico de espuma  
Em que a minh'alma, a hystérica viuva,

Sob um halo de lendas que a illumine,  
Como a lua a boiar por entre a bruma,  
Vá dormir para sempre com o Spleen...

Assentou arraial na minha vida,  
Armando as lindas tendas de illusões,  
O bando revoltoso das paixões,  
A caravana ardente e destemida...

Uma noite, porém, accommettida  
(Era uma noite escura de trovões)  
Por muitos assassinos e ladrões,  
Deu o Amor o signal para a partida...

E partiram, levando-o, á sua frente,  
O Amor, o chefe, um arabe valente,  
Famoso e grande como um rei da Persia.

E desde que se foram, nunca mais  
Se armaram lindas tendas boreaes  
Na minha vida, este Areal-da-Inercia...

Uma tarde, o meu Sonho, um marinheiro  
Das mais lindas e heroicas aventuras,  
Embarcou para a India-das-Alturas,  
A bordo d'um romantico veleiro,

Uma nuvem doirada; e, sobranceiro,  
Dobrou talvez o cabo de amarguras,  
O Cabo das Tormentas, nas escuras  
E formidaveis noites de aguaceiro...

Mas não mais demandou o ancoradouro,  
A Stambul radiosa, o lindo porto;  
Que a nuvem tambem era um sonho d'ouro,

Um castello sonhado pelo Ar,  
E naufragou talvez no alto-mar...  
Não sei, pois, se o meu Sonho é vivo ou morto...



I

Depois de batalhar ardentemente  
Pelo amor, pela fé, pela verdade,  
Meu Coração, heroe da meia-edade,  
Cavalleiro leal, bom e valente;

Ao regressar das terras do Oriente,  
D'uma cruzada em prol da christandade,  
Para perpetuar sua piedade,  
O Conde altivo, poderoso e crente,

Fez construir a cathedral do Sonho,  
Poêma de granito rendilhado,  
Epopeia de gothicos labores,

Hoje um templo em ruinas e medonho,  
Onde elle, o Coração, jaz sepultado  
Sob o altar ainda em pé, que é o das Dôres . .

## II

Oh Senhora das Dôres, oh Piedosa,  
Que ficaste velando o pobre Morto,  
Doce refugio, hospitaleiro porto,  
Dos que andam nesta onda tormentosa;

Oh Virgem-Mãe, que, pallida e chorosa,  
Derramas dos teus olhos o conforto,  
E unica luz nas sombras do meu Horto,  
No transito da Via-Dolorosa;

Pois que só teu altar é o que existe,  
Não o deixes, Senhora, solitario,  
Não deixes tu meu Coração tambem!

Oh Senhora das Dores, vela o triste,  
Pela tragedia escura do Calvario!  
Por essas tuas lagrimas de Mãe!

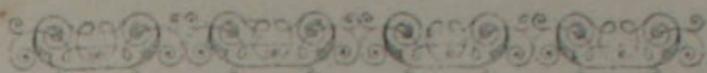
## III

Oh lagrimas de Mãe! oh fééria!  
Que inda agora riscaes de intensa luz  
A mortalha de treva em que Jesus  
Dorme esperando inda o terceiro dia;

Oh lagrimas piedosas de Maria!  
Chuva astral e benefica! reluz,  
Tombando como petalas, na cruz,  
— Fuzão d'oiro alagando um fim de dia!

Está tão longe o serro do Calvario,  
Ai, tão longe de nós, que mal o avisto  
Por entre o nevoeiro legendario!...

Oh lagrimas de Mãe, sêde, num mixto  
De magua e luz, o cyrio funerario  
No abandonado tumulo de Christo...



*A um Poeta,  
e pela Alma da esposa.*

Oihos errantes!... A visão perpassa,  
A branca aparição d'uma Saudade...  
Como fontes então de claridade,  
Esses olhos nub'ados de desgraça,

Numa chuva de bençãos e de graça,  
Lançam um arco-iris de piedade  
Sobre o fundo pavor da tempestade  
Das nossas almas, d'esta noite baça...

Olhos errantes, numa evocação,  
Da linda Morta, a branca Apparição,  
E o luaceiro, um oleo immaterial,

Cae da lua, sagrada e jaspea urna,  
Com o silencio, a oração nocturna  
Com que Deus abençôa o seu coval...

Sobre o Mystério (como em noite escura  
Navega, incendiada, uma galera)  
Vae a minh'Alma — quem a detivera! —  
Ardendo numa tragica loucura...

Tenho frio e terror... E pela Altura  
Radia em triumphante primavera  
O Amor, rosa de luz; mas a Chimera,  
Nas azas d'ouro, já me não segura...

A Vida! Eu amo a Vida! Eu amo o Fogo,  
E busco a Sombra!... E em vão eu me interrogo,  
No circulo de enigmas que me cinge...

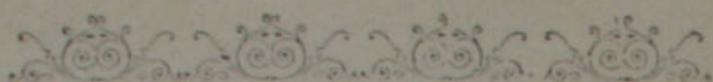
E, preso, o pensamento por que habita  
Os recessos do Eu, onde palpita  
O tenebroso coração da Esphinge?...

Chimeras, pombas d'um pombal aereo,  
Já não vos busco, oh azas de esplendor . . .  
Tornei-me num audaz mergulhador  
Do insondavel Mar-Negro do Mysterio . . .

Quebrei a lyra onde cantava o amor,  
Que é a porta da Vida—o cemiterio  
Onde eu, Hamlet sarcastico e funereo,  
Se canto, é para rythemar a dôr . . .

Ontem, porém, na minha escuridão,  
Como cahisse um raio de luar,  
Quasi me fiz no bardo d'outras eras . . .

E inda avistei, voando na amplidão,  
Ao abençoar-me a luz de certo olhar,  
O bando colombino das chimeras . . .



I

Meu Sonho ardente e audacioso brada :

— «Oh multidões, exercito disperso,  
Eu sou do heroico e aventureiro terço  
Que ha de tomar os astros de escalada!

«Irmãos, vinde commigo! Desfraldada  
A bandeira do amor em cada verso,  
Marchemos á conquista do Universo,  
Destronaremos Deus, numa arrancada!» —

Elle, porém, que triumphal avança,  
Meu Sonho, aguia real, que precipita  
Seu vôo á tua busca, em vão se exalta!

Oh Pomba radial, nunca te alcança!  
Bate as azis em vão e em vão se agita,  
Oh Pomba branca, porque vaes mais alta...

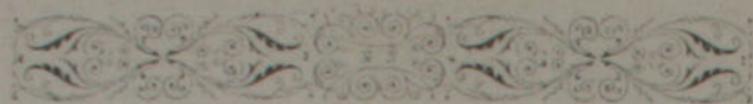
## II

E o meu Sonho atravessa as nebulosas,  
Vae de esphera em esphera, e continúa...  
Por sobre o lôdo é que despontam rosas,  
Foi para a noite que nasceu a lua...

Em ondas de esplendor harmoniosas,  
Elle bem sabe que o teu vôo fluctua...  
Suas azas, porém, são poderosas,  
E emfim meu Sonho ha de beijar-te nua...

E descereis então sobre uma serra,  
E um ninho ha de florir, e tão fecundo,  
Tão branco que ha de ser como uma ermida

Piedosamente a abençoar a terra,  
Como um pharol que vá guiando o mundo,  
Alto Poema que descante a Vida!



Coração incendiado de Poeta  
Anda a boiar num vinho de esplendor,  
Sobre as ondas de luz do teu amor,  
—Fogo a bordo da Nau-Catharineta...

No meu corpo nevrotico de asceta  
Relampagos de gloria e de valor,  
—A Noite, o Monstro, a tenebrosa Dôr,  
Sangra, ferida de luzente setta...

E eu que tinha chorado tanto, tanto  
As amargosas lagrimas do Homem,  
Ao sol do teu olhar sequei o pranto.

Espinhos d'este cardo, o Pessimismo,  
Já me não pungem, já me não consomem,  
E ordenei-me de Padre do Egoismo...

Num corpo lindo um coração diamante,  
Diamante que reluz no seu olhar . . .

— Oh Bíblia de Harmonia, oh Radiante,  
Sendo eu a noite e sendo tu luar;

Sendo a tua Alma a branca vela errante  
Que voga sobre a minha — o alto-mar,  
Onde um aventureiro tripulante,  
Príncipe egregio, o Amor, vae a cantar, —

Porque é que o teu olhar — essa oração,  
Esse canto de paz e de perdão, —

Porque será que a tua voz, sereia,

Não faz parar o turbilhão que dentro  
D'este mar gira, o turbilhão da Ideia,  
O torvelinho de que a Morte é centro? . . .

Tal como negra e miseravel lama  
A resplender ao sol do meio-dia;  
Como o *Mar-Tenebroso* em ardentia,  
Ou como nam carvão cerula chamma,

E' uma estrella o coração que ama,  
Astro feito de argilla a mais sombria...  
— Cavalleiros audantes de hoje em dia,  
Que luctaes, cada qual, por vossa dama,

Oh Menestreis! e oh Virgens, oh pudor,  
Sois sempre a lama que rebrilha ao sol,  
E sempre, sob a luz, *Mar-Tenebroso*...

Quando a luxuria ladra, canta o amor...  
Ella sempre: na voz do rouxinal  
Ou nos rugidos do leão cioso...

Na sua egregia pompa e magestade,  
Passou por mim o Amor, e eis que lhe grito:  
— Oh rei dos corações, do meu proscripto,  
Volta a reger a minha mocidade!

«Depois que te expulsei, na escuridade  
Vejo um phantasma tragico e maldito,  
Que eu não sei se é a sombra do Infinito,  
Que é a sombra talvez da Eternidade...»

E logo o Amor me disse: — O que te assombra,  
Esse phantasma é meu irmão — a Morte.  
Não conhece a tua alma a propria sombra?...

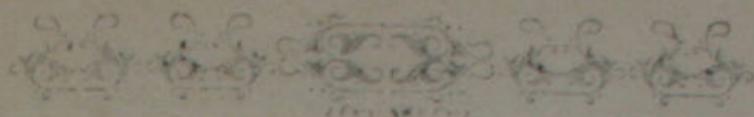
«Quando eu brilho, mais ella se accentua,  
Como sombra de cruz á luz da lua...» —  
E, dizendo isto, rebrilhou mais forte...

Assim fallou o coração humano,  
Numa voz de pesar inconsolavel:  
«Chamam-me barro vil e miseravel,  
E todavia eu sou um oceano.

«Sou o mar tormentoso e formidavel,  
E sobre mim navega a todo o panno  
Uma sinistra frota, a do tyranno  
E velho rei Desejo, o Insaciavel.

«Porém, na minha treva ha um luar  
— O amor, a linda perola encantada...  
Mergulhadores, vinde-me explorar.

«Embora! Nunca a roubareis do abysmo,  
Que a perola do amor vive agarrada  
A' rocha indissolvel do Egoismo...



I

Tenho estado a ouvir ha uma hora,  
Alto, divino, um rouxinol cantar...  
Oceano de harmonia em preamar...  
Vae uma orchestra pelos campos fóra!

E' o amor (que em ti canta e que em mim chora)  
Que te faz, rouxinol, corporisar  
Rimas lacteas, as benções do luar,  
E estrophes d'oiro, os canticos da aurora...

Que grande, em teu mysterio, és, natureza!  
Tambem me abraza o fogo da Belleza:  
Quero remil-o á treva do meu seio,

Mas o ardente Ideal, a intima luz,  
Em vez de incendio, é fumo o que produz...  
— Miseros versos, como vos odgio!...

## II

Como te odeio, oh Arte, que procuras  
Elevar-te á varanda do Ideal,  
E que, em vez da ascensão, caes no banal,  
Fugindo sempre á luz das Formas puras...

E, oh Icaro, que ineditas torturas,  
Que inedito martyrio sem igual,  
Quando, sem a attingir, vês a immortal  
Belleza radiosa das alturas!

Prisioneira da humana contingencia,  
Que d'essa estranha raiva de impotencia,  
Da chamma dolorosa em que te abrazas,

Que te queima, mas nunca te illumina,  
A Morte te fabrique duas azas,  
E, miseravel, torna-te divina!



Sinto cair da linha triumphante  
Que refulge nos marmores d'outr'ora  
Sobre o Sonho minusculo de agora  
Catadupas de genio irradiante.

E procuro subir do abysmo hiante  
Onde a Alma hodierna se debate e chora,  
Por essa escada de Jacob, na aurora  
D'essa epopeia homerica e gigante...

Em vão, porém, em vão! Sobre os meus hombros,  
Esmagando-me, pesam os escombros  
Dos seculos! Em vão, estatuas gregas,

E Santas bysantinas, cathedraes,  
Linguas d'ouro e de pedra, nos chamaes:  
As Almas estão surdas e estão cegas...



I

Minha terra embalada pelas ondas,  
Lindo paiz de moiras encantadas,  
Onde o amor tece lendas e onde as fadas  
Em castellos de lua dançam rondas...

Oh meu Algarve, quero que me escondas ..  
Que na treva da morte haja alvoradas!  
Hei de sonhar com moiras encantadas,  
Se eu dormir embalado pelas ondas...

Quando o sol emergir de traz da serra,  
Sempre será o sol da minha terra  
A fecundar-me o chão da sepultura...

Ao pé dos meus, na minha aldeia querida,  
A morte será quasi uma ventura,  
A morte será quasi como a vida...

## II

E pode ser que em noites de luar,  
Para ouvir-vos cantar lindas cantigas  
Que eu vos tenha ensinado, oh raparigas,  
Deus me faça a mercê de me accordar...

Com que saudade então hei de lembrar  
As minhas bellas illusões antigas,  
Minhas ardentes, limpidas cantigas,  
Noites de amor e noites de luar!...

E a resgatar-me d'essa culpa linda  
De na cova pensar no amor ainda  
(Peccado lindo!), numa dôr enorme,

Minha Mãe rezará pela minha Alma,  
E abençoando-a com a sua palma  
De martyr, dirá: — Dorme, filho, dorme...

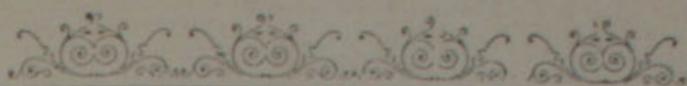
## III

E, amendoeiras em flôr, quero tambem  
As vossas preces... Quando, como agora,  
De veo branco, noivardes, campos fóra,  
Vinde esfolhar-vos todas sobre quem

Sempre vos tem querido tanto bem...  
Oh arvores de neve ou côr de aurora,  
Quando estiverdes noivas, como agora,  
Flori-me a campa, rezae vós tambem...

Nesse instante, talvez, certa morena,  
Não já rosa de amor, mas da paixão,  
Olhando-vos, dirá com muita pena:

— Porque vestis de alvura o seu coval?  
Elle que amava tanto a cerração  
Do meu cabelo, o negro temporall...



Ha pouco ouvi contar numa esfolhada  
A uma doce velhinha, que não mente,  
Que certa noite, numa encruzilhada,  
Ao dar da meia-noite, exactamente,

Uma estranha figura amortalhada  
Aos seus olhos surgira de repente,  
E que diz ella ser Alma penada  
Que Deus mandou vagar eternamente...

Sem duvida, alguma auto-sugestão...  
E todavia sinto a triste historia,  
Agora no silencio e escuridão,

Passar-me, desgrenhada, na memoria...  
Azas do medo reçam-me tambem...

— ... Herança de ancestraes ou voz do Além?...

Assenta a minha aldeia sobre os flancos  
D'uma linda montanha, onde o olival  
Faz destacar os seus casaes tão brancos  
Que nem as pombas de qualquer pombal. . .

Oh profundos e tragicos barrancos,  
Oh cannas verdes, branco amendoeiral,  
E oh ribeira que espumas entre arrancos  
De monstruoso e indomito animal;

Ao pé de vós, oh natureza rude,  
Oh minha aldeia abençoada, eu vivo  
Numa tão grande paz, em tal saude,

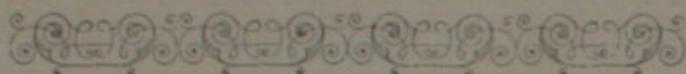
Em tanta luz, em tanto amor e calma,  
Que até me julgo um homem primitivo,  
De corpo um cavador e santo n'alma. . .

Do meu pequeno quarto de estudante  
Olho os campos de Coimbra . . . Todavia,  
Num estranho clarão de nostalgia,  
Eu vejo outra paisagem mais distante . . .

Saudade evocadora! Deslumbrante,  
Maravilhoso, numa feéria,  
O meu paiz phantastico radia  
Nas pompas gloriosas do Levante!

E vejo a *Fonte Grande*, o sitio lindo  
Onde eu compuz os meus primeiros versos  
E de que o povo conta ingenuas lendas . . .

Janeiro. As amendoeiras vão florindo:  
Da serra até ao mar fluem, dispersos,  
Sonhos, noivas, luar e espumeas rendas . . .



I

*Quid est veritas?*

Pilatus ouve deslenhosamente  
O longo clamorar da populaça;  
Os legionarios cruzam pela praça,  
Brilham zimbórios sob o sol ardente...

A emergir d'um jardim que fica em frente  
Uma esbelta palmeira no azul traça  
Um perfil de triumpho... Ao longe passa  
Um bando de alvas pombas, mansamente...

E, distrahida, emquanto o rabbi falla,  
A mulher do pretor esfolha um cactus...  
(Lembra um pranto de sangue, á claridade

Velada e penumbral da grande sala...)  
Mas Jesus emmudece, e então Pilatus  
Interroga, curioso: — «Que é verdade?»

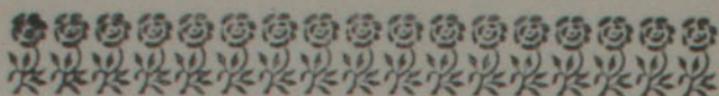
## II

Junto do Homem, tremulo de espanto,  
Mythologicos deuses desthronados,  
Os seculos desfilam, embuçados  
No mysterio do Tempo, o escuro pranto...

Oh vós todos, mendigos macerados,  
Fome no coração, olhos em pranto,  
Pretendeis conhecer qual é o *santo*  
*E a senha* d'esses vinte conjurações?

Emquanto, aguia ferida, vós a Ideia  
Pela nevoa cerrada do Infinito,  
De balde procurando a claridade, —

Como um echo partindo da Judéa,  
Os seculos repetem esse grito...  
Escutae... — «Que é verdade? que é verdade?»



I

Oh tristes mortos, fecham-vos em lousas  
Em mausoleos de pedra ! Que impiedade !  
Aza da Morte, que jámais repousas  
E enches da tua sombra a immensidade,

Quando tu me tocares, mãos piedosas  
Lancem-me á valla; que o meu corpo ha de,  
Na eterna vida intima das cousas,  
Resuscitar, vo'ver á claridade . . .

Restituam-me á terra, á minha origem,  
A' obra augusta e luminosa e santa  
Da natureza mãe. Do cemiterio

Eu fugirei, ro'ando na vertigem  
Do furacão e vivo no mysterio  
Da folha que elle arrebatat da planta . . .

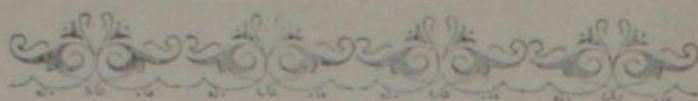
## II

Quem sabe lá se a luz que ha na materia,  
O fogo que em mim arde, e chora e pensa,  
Não foi o turbilhão, a vida intensa  
Do pó que vôa numa ronda aerea?

Quem sabe lá se na amplidão immensa  
Eu já não fui a claridade etherea,  
Hoje tombado á lama da miseria,  
Astro desfeito numa nevoa densa?

Eu quero, pois, que, em atomos dispersos,  
Meu generoso e forte Coração  
Torne a pulsar no coração da luz...

Volta a ser, oh tumulto dos meus versos,  
Verbo, florindo os labios de Platão,  
Amor a arder na Alma de Jesus!



Oh Fome redemptora que nos feres  
Com um punhal de fogo nas entranhas,  
Tu, obreira do Vicio, que arrebanhas  
Para os berdeis as pallidas mulheres;

Oh Fome, oh onda amarga que nos banhas,  
Sóbe, maré de fel! até encheres  
Tudo o que existe, angustias e prazeres,  
Valles, abysmos, pincaros, montanhas. . .

Como um signal de paz e de bonança,  
Unir-se-ão num arco de alliança,  
Depois d'esse diluvio e tempestade,

( Ceos e terra. Por elle, do infinito,  
Deus descera, caçado de ser mytho,  
A morar com a nova humanidade. . .

O homem pelo homem devorado,  
Os odios, assassínios, a traição,  
Em lugubre e nocturna procissão,  
Deslisam, como sombras, a meu lado...

Mas, círculos eternos do peccado,  
Que giraes sobre um vento d'afflicção,  
Eu lanço-vos a benção do perdão  
No carinho d'um pranto resignado...

Que vale mais a paz que as tempestades?  
Que vale mais a estrella do que o lodo?  
Bons ou maus, sois todos irmãos meus,

E unje-vos o meu dó, modalidades  
Da Vida, o Grande-Amor, o Grande-Todo,  
Que é uno, indivisível, e que é Deus...

Olhos sem par, castellos de violetas,  
Paços reaes do Principe Luar,  
Torres de luz que as Almas dos Poetas  
Cercam em vão e tentam escalar;

Trevas que allumiaes, pupillas pretas,  
Olhos lindos que sois como um altar  
A que estes meus, em supplicas inquietas,  
Tremulamente vão ajoelhar;

Olhos de intraduzivel amargura,  
Olhos que tenho aqui, dentro dos meus,  
E que, por isso, os vejo em toda a parte;

( Nesta guerra sangrenta da loucura  
Que move contra mim a mão de Deus,  
Olhos, vós sois o rutilo estandarte...

Oh noites do Algarve enamoradas! . . .  
A' beira-mar e em fontes crystallinas,  
Com fusos d'ouro e em rocas argentinas,  
Andam fiando as moiras encantadas. . .

Ai que saudades! Sobre as esfolhadas,  
Caem do ceo as benções luarinas,  
E a gente vê nas gothicas ruinas  
Voar, bailando, as tunicas das fadas. . .

E scismam as ingenuas raparigas,  
No romance d'um Rei e d'uma Infanta  
Que uma velhinha acaba de contar. . .

Vão florindo nas boccas as cantigas,  
Emquanto o amor nas Almas se alevanta. . .  
Não é mais lindo e candido o luar!

Porque nasci ao pé de quatro montes,  
Por onde as aguas passam a cantar  
As canções dos moinhos e das pontes,  
Ensinaram-me as aguas a fallar . . .

Eu sei a vossa lingua, aguas das fontes . . .  
Podéis fallar commigo, aguas do mar . . .  
E ouço, á tarde, os longinquos horisontes,  
Chorar uma saudade singular . . .

E porque entendo bem aquellas maguas,  
E comprehendo os intimos segredos  
Da voz do mar ou do rochedo mudo,

Sinto-me irmão da luz, do ar, das aguas,  
Sinto-me irmão dos ingremes penedos,  
( E sinto que sou Deus, pois Deus é tudo . . .

«... Dizem-me que as amendoeiras estão  
lindissimas... Quando eu as fôr  
ver por ti e por mim já ellas não  
têm flor...»

Oh mais linda entre as lindas creaturas,  
Sobre a tua cabeça preciosa,  
Como chuva de petalas de rosa,  
Caíam bençãos e ineditas doçuras!

Deslize a tua vida harmoniosa!  
Que todos os meus males e amarguras  
Te sejam descontados em venturas,  
Oh doce, oh clementissima, oh piedosa!

Solto collar de liriaes opalas,  
Vêm cheias de luar as tuas fallas,  
Minha Santa Cecilia, minha Santa!

Meu amor, a tua Alma é bem a nota  
A mais suave da harmonia ignota  
Que Deus Nosso Senhor aos homens canta...

Cheios de paz e cheios de doçura,  
Dão-me os teus olhos tanta claridade  
Que a minha tormentosa noite escura  
Se rasga em Vias-lacteas de bondade!

E vou na trajectoria da ventura,  
E sigo a linha recta da verdade,  
Por ti guiado, oh fragil creatura,  
Tão forte em tua simples humildade!

Que o amor vos traga aonde o amor me trouxe,  
Cegos que enveredastes pelo mal,  
Pois nesta estrada chan, direita e doce,

A Morte ajoelhará quando vier,  
Ante a Vida, que a Vida é immortal,  
Reflorindo num seio de mulher!

Tal como se desprende uma scintilla  
D'uma pedra ferida pelo aço,  
Eu penso. O fogo livra-me do laço  
Que me agrilhôa á Carne, á escura argilla...

E nesta ascenção rútila e tranquilla,  
Neste vôo triumphante em que devasso  
As Alturas reconditas do espaço,  
A musica dos astros quero ouvi-la...

Subir! A Via-lactea rasga o luto  
Do abysmo! Ursas, Centauro, Lynce, feras  
De luz, vejo-as no mesmo olhar! E escuto.

E ouço e intendo o silencio... Elle é deveras,  
Como Verbo e linguagem do Absoluto,  
A sagrada harmonia das Espheras...





## INDICE

<i>Nas prisões cellulares da Materia.....</i>	9
<i>Pelo claustro de abobada infinita.....</i>	10
<i>Ao sopro do mysterio, o estranho vento.....</i>	11
<i>Oh montanha, oh montanha escura e brava.....</i>	12
<i>Existir! Para quê? Tumulo ou berço.....</i>	13
<i>Meus pobres versos!... Eis o que transuda.....</i>	14
<i>Tão moço como vós, que ides vogando.....</i>	15
<i>Dorme o inerte infinito em meu regaço.....</i>	15
<i>Oh meus irmãos, oh descendentes de Eva.....</i>	17
<i>Nas solidões do primitivo mundo.....</i>	18
<i>Minha origem qual é a minha essencia.....</i>	19
<i>Torcidas por angustias seculares.....</i>	20
<i>Intrepido guerreiro, erguida a lança (I).....</i>	21
<i>Então hesita, sem saber que faça (II).....</i>	22
<i>Na sua lingua sobrenatural.....</i>	23
<i>Assentou arraial na minha vida.....</i>	24
<i>Uma tarde, o meu Sonho, um marinheiro.....</i>	25
<i>Depois de batalhar ardentemente (I).....</i>	26
<i>Oh Senhora das Dores, oh Piedosa (II).....</i>	27
<i>Oh lagrimas de Mãe! oh féria (III).....</i>	28
<i>Olhos errantes!... A visão perpassa.....</i>	29
<i>Sobre o mysterio (como em noite escura.....</i>	30
<i>Chimeras, pombas d'um pombal aereo.....</i>	31
<i>Meu sonho ardente e audacioso brada (I).....</i>	32
<i>E o meu Sonho atravessa as nebulosas (II).....</i>	33
<i>Coração incendiado de Poeta.....</i>	34

<i>Num corpo lindo um coração diamante.....</i>	35
<i>Tal como negra e miseravel lama.....</i>	36
<i>Na sua egvegia pompa e magestade.....</i>	37
<i>Assim fallou o coração humano.....</i>	38
<i>Tenho estado a ouvir ha uma hora (I).....</i>	39
<i>Como te odeio, oh Arte, que procuras (II).....</i>	40
<i>Sinto cahir da linha triumphante.....</i>	41
<i>Minha terra embalada pelas ondas (I).....</i>	42
<i>E pode ser que em noites de luar (II).....</i>	43
<i>E, amendoeiras em flor, quero tambem (III).....</i>	44
<i>Ha pouco ouvi contar numa esfolhada.....</i>	45
<i>Assenta a minha aldeia sobre os flancos.....</i>	46
<i>Do meu pequeno quarto de estudante.....</i>	47
<i>Pilatus ouve desdenhosamente (I).....</i>	48
<i>Fumo do Homem, tremulo de espanto (II).....</i>	49
<i>Oh tristes mortos, fecham-vos em lousas (I).....</i>	50
<i>Quem sabe lá se a luz que ha na materia (I).....</i>	51
<i>Oh Fome redemptora que nos feres.....</i>	52
<i>O homem pe'o homem devorado.....</i>	53
<i>Olhos sem par, castellos de violetas.....</i>	54
<i>Oh noites do Algarve enamoradas.....</i>	55
<i>Porque nasci ao pé de quatro montes.....</i>	56
<i>Oh mais linda entre as lindas creaturas.....</i>	57
<i>Cheios de paz e che'os de de'ura.....</i>	58
<i>Tal como se desprende uma scintilla.....</i>	59

Terminou  
a impressão d'este livro  
no dia trinta e um de dezembro de mil novccentos e tres  
na *Typographia Democratica*  
COIMBRA



Edição de  
AMADEU SANCHES BARRETTO



